



BOLETIM ADVENTISTA

ANO XII - N.º 135

MARÇO - 1974

Quem somos e a que vimos?

A. CASACA

Somos um grupo de crentes que temos por única norma de fé a Palavra de Deus; não aceitamos, portanto, qualquer tradição que se oponha ao que «está escrito».

A que vimos, pois?

Pregamos o «Evangelho Eterno aos que habitam sobre a terra, e a toda a Nação e tribo e língua e povo» (Apocalipse 14:6).

É, pois, única e simplesmente sobre a Palavra de Deus que assentam os nossos princípios.

No momento oportuno, quando os acontecimentos apontam para a profecia — que outra coisa não é, senão a predição de tais eventos — no momento exacto e oportuno, Deus sempre tem suscitado os Seus arautos anunciadores das promessas divinas.

Também o Movimento Adventista surgiu no momento exacto, tempestivo.

Perante os acontecimentos que vertiginosamente se estão desenrolando diante de nós, a nossa missão específica é, precisamente, a de chamar a atenção dos homens para esses acontecimentos que, tendo sido preditos por Deus, se destinam, exactamente, a lançar o grito de alarme para o desfecho final da História da Humanidade.

Recordemos, rapidamente, aquilo que os economistas, os ecologistas, filósofos e políticos denominam: as «Quatro grandes ameaças para a Humanidade».

São elas: a explosão demográfica; a poluição atmosférica; o aumento do crime; o aumento da imoralidade.

1.º — A explosão demográfica. Adverte um eminente especialista britânico: «O excesso populacional do Planeta pode levar o Homem ao suicídio em massa». Dentro de um século a população mundial poderá ter atingido 30 mil milhões, sem que a produção dos alimentos possa acompanhar tal desenvolvimento. Tal como acontece nos animais roedores que são atacados de neurose e se suicidam em massa, quando lhes faltam os recursos para subsistir, assim pode acontecer ao homem, diz o Dr. Ayre, da Universidade de Leeds.

2.º — A poluição atmosférica. O Prof. Jacques Picard diz que os Oceanos recebem, por ano, treze milhões de toneladas de produtos petrolíferos que agravam a poluição e, ainda, duzentas mil toneladas de insecticidas. Daí resulta um desaparecimento progressivo de plâncton, o primeiro elemento da cadeia alimentar da vida marinha. O antigo Ministro francês Edouard Bonnefous decla-

ra num seu livro que a poluição é «um fim do mundo inventado pelo homem».

3.º — O aumento do crime: Segundo as últimas estatísticas o crime aumentou nos últimos anos 170 por cento.

No ano passado, foram assassinadas 16 mil pessoas nos Estados Unidos; no total houve mais de cinco milhões de crimes graves naquele país. Sabe-se que o crime se encontra organizado, aumentando rapidamente, por toda a parte. De facto, diariamente chegam notícias acerca das mais inesperadas violências, em todos os domínios, em terra, no mar e no ar. Diz-se que «a selva do asfalto se torna cada vez mais uma realidade aterradoradora, querendo significar que o crime prolifera nas sociedades desenvolvidas.

4.º — O aumento da imoralidade. A nossa época está a deixar-se dominar pela «loucura do sexo». Quase tudo nos nossos dias tende a gravitar à volta das paixões de sentimentos e de imagens sensuais. É a publicidade, são os concursos de beleza, são os reclames aos manequins e aos modelos — é o pan-sesualismo invadindo, cada vez mais, a literatura, o cinema e a televisão.

«A obsessão do sexualismo é sempre sinal de degeneração ou desvio» — disse alguém.

Tudo isto que se está desenrolando diante dos nossos olhos já fora predito

há quase dois milénios, como lemos na Palavra de Deus: «...nos últimos dias sobrevirão tempos trabalhosos, porque haverá homens amantes de si, avarentos, presunçosos, soberbos, blasfemos, desobedientes a pais e mães, ingratos, profanos, sem afecto natural, irreconciliáveis, caluniadores, incontinentes, cruéis, sem amor para com os bons, traidores, obstinados, orgulhosos, mais amigos dos deleites do que amigos de Deus, tendo aparência de piedade, mas negando a eficácia dela...» II Epíst. de S. Paulo a Timóteo 3:1-5.

Perante este quadro predito pelo Apóstolo S. Paulo, sentimos a obrigação de recordar a esta geração que o fim está próximo.

De resto, todos os pensadores e responsáveis nos vários sectores sociais estão de acordo em dizer que não há solução humana para a actual situação da Humanidade.

Também na nossa missão de advertir os homens da solenidade destes tempos, queremos cumprir o Mandato divino de proclamar a necessidade do cumprimento da LEI DE DEUS, tal como foi promulgada no Sinai.

Acreditamos que a LEI DE DEUS é imutável; por isso nos esforçamos por chamar a atenção de todos para esta verdade.

Boletim Adventista

**Publicação mensal da Igreja Adventista
do Sétimo Dia, em Angola**

**Director e Editor:
Ernesto Ferreira**

**Proprietária:
Casa Publicadora Angolana, SARL**

**Redacção e Administração:
Missão Adventista — C. P. 3 - Nova Lisboa**

**Composição e Impressão:
Missão do Bongo — C. P. 2 - Longonjo**

**Número Avulso 3\$00
Assinatura Anual 30\$00**

ANO XII — MARÇO de 1974 — N.º 135

A NOSSA CRENÇA ADVENTISTA

A Mensagem Adventista ensina:

1.º — que a Bíblia Sagrada foi escrita por homens inspirados; que é a verdade sem mistura de erros; que revela os princípios pelos quais Deus nos julgará; que dá testemunho de Jesus.

2.º — que há um único Deus verdadeiro, Criador dos céus e da terra; Santo, Eterno, Infinito, Imutável. Que na natureza divina — um só Deus — subsistem Três Pessoas realmente distintas, o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Que o Espírito Santo — a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade — é o principal representante do Pai e do Filho neste Mundo.

3.º — que o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus, mas que,

Continua na página 15

Os Símbolos do Espírito Santo

por Wilt S. Osgood

As Escrituras usam vários símbolos para representar os ofícios, funções e ministrações da Terceira Pessoa da Trindade. Esses emblemas, figuras e representações ajudam a entender a magnitude do poder e operação do Espírito.

Óleo: Óleo usado em associação com o antigo santuário simbolizava a presença do Espírito. Deus ordenou que a unção do óleo a ser usado na dedicação do tabernáculo significava a sua separação para propósitos santos. Na economia israelita, profetas, sacerdotes e reis eram ungidos para o ofício sagrado. Assim o Espírito Santo guiaria aqueles homens no desempenho de seus deveres.

Por exemplo, Deus instruiu Elias como ungir seu sucessor Eliseu. (I Reis 19:16). Samuel ungiu a David no meio de seus irmãos, e «daquele dia em diante o Espírito do Senhor se aposentou de David.» I Sam. 16:13. Quando Arão foi dedicado ao sacerdócio, a alegria prevaleceu. David comenta: «Oh! quão bom e agradável viverem unidos os irmãos! É como óleo precioso sobre a cabeça... de Arão.» Sal. 133:1 e 2.

Igualmente, o Evangelho provê a unção de cada crente pelo Espírito. O Espírito aparta a alma renascida para uma vida de dedicação. (I S. João 2: 20 e 27).

Água: As pessoas que vivem no Oriente classificam a água como um dom de Deus. Assim como ninguém pode viver sem água, a vida espiritual deve possuir o Espírito Santo. Paulo não somente associa o Espírito com a vida (Rom. 8:2), mas também declara que o «Espírito é vida» (Rom. 8:10). Isaías equipara a água com o Espírito: «Porque derramarei água sobre o sedento, e torrentes sobre a terra seca; derramarei o Meu Espírito sobre a tua posteridade.» Isa. 44:3. Acerca da declaração de Jesus sobre «Rios de água viva» que deveriam fluir de cada crente, João comenta: «Isto Ele disse com respeito ao Espírito que haviam de receber os que nEle cressem.» S. João 7:39. Em visão, João viu «o rio da água da vida... que sai do trono de Deus.» Apoc. 22:1. Quinhentos anos antes o profeta Ezequiel teve uma visão de torrentes de água brotando do santuário restaurado. (Ezeq. 47:1-7).

Ambos os profetas descrevem essa bênção como oriunda do trono de Deus.

Quando Israel clamou por água, Deus mandou que Moisés ferisse a rocha. Quando ele o fez, a água fluíu livremente da rocha. (Êxo. 17:1-7). Mais tarde Paulo explicou: «Porque bebiam de uma pedra espiritual que os seguia. E a pedra era Cristo.» I Cor. 10:4. Cristo sustentava e guiava a Israel.

Os escritores bíblicos associam a água com a regeneração (Tito 3:5) e com o novo nascimento (S. João 3:5). Assim, num sentido especial, o baptismo, a imersão na água, simboliza a lavagem espiritual.

As alusões bíblicas a torrentes, fontes, poços, rios e chuvas muitas vezes se referem ao ministério do Espírito. Não somente os fiéis beberão das fontes da salvação (Isa. 12:3), mas também dispensarão aos outros a água da vida; isto é, permitirão que o Espírito deles emane como rios de bênçãos para os semelhantes (S. João 4:14 e 7:38).

Vento: O poderoso vento no dia de Pentecostes anunciou a presença do Espírito Santo (Actos 2:1-4). O vento também retrata o novo nascimento: «O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é o que é nascido do Espírito.» S. João 3:8. O Espírito, como o vento, opera de maneira invisível — somente os efeitos são vistos.

Fogo: o fogo consome a escória e purifica o ouro. Quando o anjo tocou os lábios de Isaías com a brasa viva do altar, o Senhor proclamou: «A tua iniquidade foi tirada.» Isa. 6:7.

O fogo denota energia espiritual, divino fervor, penetrante entusiasmo e santa inspiração. A alma passiva, tocada pelo fogo do Espírito, torna-se possuída pela incandescente paixão de salvar almas. Não é a educação, o treinamento nem o ambiente que provocam tal transformação. O Espírito Santo a cria.

João Baptista, a quem Jesus descreveu como uma lâmpada que ardia e alumia (S. João 5:35), profetizou do Messias: «Ele vos baptizará com o Espírito Santo e com fogo.» S. Luc. 3:16. Quando Jesus voltou para o Céu, baptizou os Seus seguidores com o Espírito Santo. No dia de Pentecostes, línguas desceram sobre os 120 discípulos de Cristo, e eles arderam como tochas vivas, acrescentando ao rebanho três mil novos crentes naquele dia (Actos 2:1-4 e 41).

Quando a perseguição os afugentou de Jerusalém, os discípulos saíram pelo mundo, pregando a mensagem. Assim, o fogo aceso ali haveria de espalhar-se, até que, trinta anos depois, a história da salvação tivesse perpassado o mundo romano (Rom. 1:8). A Bíblia diz que nos últimos dias a mensagem da volta de Jesus deve ser anunciada com poder «a toda a nação, tribo, língua e povo». Apoc. 14:6.

Deus necessita hoje tais colunas de fogo. Como pode alguém inflamar-se por Cristo? Pela aceitação irrestrita de Cristo e Seu Espírito como o fez Paulo, que afirmou: «Fiz-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, salvar alguns.» I Cor. 9:22.

A entrega completa levou Martinho Lutero a testemunhar diante da Dieta de Worms: «A menos que eu seja convencido pelo testemunho da Escritura... não posso e não quero retratar-me... Aqui estou, não posso fazer diferente. Deus me ajude. Amém.»

A entrega completa levou João Knox a orar: «Dá-me a Escócia ou morrerei.»

A entrega completa levou João Wesley a exclamar: «Vejo o mundo como a minha paróquia.»

A entrega completa levou William Carey a replicar: «Servir a Cristo é o meu negócio; conserto sapatos para viver.»

A entrega completa levou David Livingstone a insistir: «Não dou nenhum valor a coisa alguma que eu tenha ou venha a ter, excepto em relação ao reino de Cristo.»

Missionários que se inflamaram por Cristo cruzaram desertos escaldantes, escalaram escarpadas montanhas, desafiaram densas selvas, rasgaram cortinas de ferro e de bambu, penetraram nas fortalezas muçulmanas e hindus, invadiram as mais proibidas cidades, para conquistar o inconquistável. Eles desdenharam a mediocridade e o impossível para seguir a direcção do Espírito na salvação de almas para a glória de Deus.

Observância do Sábado

por Andrew Fearing

(Continuação)

Não podemos ser consciência para os outros, mas parece claro que nenhum guarda de segurança num estabelecimento fabril ou mercantil pode ficar de serviço durante as horas sabáticas e ser obediente ao quarto mandamento. Nenhum polícia pode seguir a sua escala normal de serviço, nenhum bombeiro pode cumprir a sua rotina diária, como parte do seu emprego semanal, no dia do Senhor, sem violar a instrução divina dada nas Escrituras em relação à observância do Sábado.

Se todos os povos do mundo amassem a Deus e se conduzissem como Seus filhos, não teríamos necessidade de polícias. Não haveria necessidade de andar de autocarro ou de combóio. Poderíamos andar uma pequena distância até uma próxima casa de culto. Partilhariamos uns com os outros o auxílio nas necessidades da vida. Cada acto de serviço estaria assim de harmonia com a obra de Deus para com os outros e para o Seu reino e não em relação com o nosso próprio ganho pessoal. Mas tal não é hoje a situação. Há um trabalho que o mundo faz que nós não podemos fazer no Sábado.

Não devemos empregar outros para trabalhar em nosso benefício no dia de Sábado e não o fazemos. As pessoas trabalham nos seus empregos e não têm convicções acerca do dia de Sábado. Não podemos controlar o nosso próximo em suas actividades. Podemos utilizar o autocarro no Sábado para assistir aos serviços religiosos na casa do Senhor ou para fazer o nosso trabalho missionário. Todavia seria assumto muito diferente se fôssemos trabalhar como mecânicos numa garagem ou como condutores de um autocarro. O condutor do autocarro não está a trabalhar para nós pessoalmente, mas a servir o público em geral e ele trabalha quer usemos o seu transporte

ou não. O nosso uso do autocarro não nos envolve em objectivos seculares mas apenas no trabalho do Senhor.

Os que trabalham para nós

O quarto mandamento instrui-nos claramente de que os nossos filhos, filhas, os que trabalham para nós, o nosso gado e até um estranho que possa estar sob a nossa influência, devem cessar o trabalho comum e santificar o Sábado. Este princípio aplica-se ao chefe de família em relação ao seu lar, ou a um patrão no domínio dos negócios. Como pode então um verdadeiro seguidor de Cristo, que guarda o Sábado, ser dono ou sócio em qualquer género de empresa que opera ao Sábado? Tal pessoa pode não trabalhar ou não ter qualquer interferência pessoal em gerir o negócio no santo dia do Senhor; mas homens, cuja responsabilidade de emprego ele tem, levam avante o trabalho da sua organização e ele como dono ou sócio partilha dos lucros desse dia. Não estaria esse indivíduo em violação do quarto mandamento? Não testemunha, por preceito ou exemplo, a santidade do Sábado.

Um hospital é um hospital

Um chefe de cozinha num dos nossos hospitais diz-nos que prepara toda a refeição do Sábado tanto quanto possível no dia da preparação. Sente, com todo o seu coração, que está observando o Sábado e a servir simultaneamente os doentes e necessitados confiados à instituição de Deus para cuidado médico. Sente uma clara linha de demarcação entre o dia de Sábado e outro dia qualquer. Em tempos ele pensou que poderia cozinhar num hospital geral ao Sábado com a consciência tranquila — um hospital é um hospital, raciocinava ele. Mas mais tarde admi-

tiu que não o poderia fazer e sentir que estava honrando ao Senhor do Sábado. «É tão diferente como da noite para o dia na espécie de trabalho que eu tinha de fazer e nas associações e influências ao meu redor. Tive que pedir a demissão. Agora sinto-me feliz por servir na obra de Deus e na Sua instituição.»

Funerais ao Sábado

Em algumas regiões tropicais, em que se não pratica o embalsamento, pode ser necessário por razões de saúde e higiene realizar funerais ao Sábado. Todavia, em países em que isso não acontece, os funerais ao Sábado devem ser evitados. Embora se trate de um serviço religioso designado para trazer conforto e bálsamo curativo aos afligidos pela perda de um ente querido, todavia isso requer trabalho dos outros e às vezes envolve arranjos financeiros no Sábado. Os discípulos e seguidores de nosso Senhor tinham tal consideração pelas santas horas que se refraram de ungir o corpo do Mestre no dia de Sábado (Luc. 23:56). Então, no primeiro dia da semana vieram ao túmulo para fazer por Aquele que amavam o que acharam que não poderiam fazer no Sábado. Vêde, era um clima tropical, sem as modernas facilidades de hoje para cuidar dos nossos queridos que dormem. Que positivo exemplo para nós!

Os Adventistas do Sétimo Dia encarregados de agências funerárias aceitam os mortos em qualquer momento, mas não fazem no seu programa regular arranjos para funerais ao Sábado, excepto em casos de emergência extraordinária.

Proclamar o Sábado mais amplamente

Observamos novamente que é difícil para uma pessoa resolver em pormenor todos os problemas que pertencem ao campo da consciência individual. Amamos o nosso Senhor e desejamos que Ele seja o Senhor das nossas vidas. Assim, guardamos o Sábado porque Ele o observou, o fez para nós, nos ordenou que dele nos lembrássemos e deseja que recebamos as suas bênçãos: o Sábado torna-se parte do nosso ca-

rácter. «Diz o Senhor: porei as minhas leis no seu entendimento e em seu coração as escreverei» (Heb. 8:10), em cumprimento do novo concerto.

O inimigo das nossas almas usará de pressão mundana e subtil argumentação nos seus esforços para que o povo de Deus liberalize ou oblitere o mandamento bíblico da observância do Sábado. Não deve ser assim. Há bem mais de um século a serva do Senhor descreveu esta cena: «Ao início do tempo de angústia fomos cheios do Espírito Santo ao sairmos para proclamar o Sábado mais amplamente». *Primeiros Escritos*, p. 33.

Durante o Conselho de Outono em 1939 tomou-se uma resolução «Lealdade c Observância do Sábado». Um parágrafo pergunta e responde brevemente a algumas questões vitais:

«Como pode alguém pensar que está observando o Sábado como Deus o teria observado, quando está trabalhando nesse dia? Como pode um Adventista do Sétimo Dia ir à Escola nesse dia, ou preparar lições ou escrever exames ou assistir a exposições e jogos públicos? Como pode ouvir programas ou dramas do mundo através da rádio ou ir a reuniões sociais ou piqueniques, ou negligenciar habitualmente o serviço divino? Como pode ele planejar empreendimentos de negócios, ler literatura secular, fazer trabalhos acidentais em casa, ir fazer compras, gastar uma indevida quantidade de tempo em repouso físico, viajar só por prazer, para fins egoístas ou fazer alguma das muitas coisas proibidas por Deus e pela esclarecida consciência do cristão? A resposta, claro está, deve ser que os verdadeiros cristãos não podem fazer nenhuma destas coisas... Nenhum verdadeiro Adventista do Sétimo Dia pode consistentemente entrar em comprometedoras sociedades de negócios com aqueles que não respeitam o santo dia de Deus. Ele não pode aceitar uma posição que exige que realize trabalho ou serviços no sétimo dia em contradição com o claro mandamento de Deus.»

(Continua no próx. número)

Medidas, Pesos e Moedas Bíblicas

Algumas vezes nos temos visto embaracados para explicar algumas palavras da Bíblia que se referem a unidades de tempo, medidas ou dinheiro. Talvez até tenhamos feito afirmações que não correspondem à realidade. Desejamos hoje dar uma pequena ajuda a todos os que estiverem interessados no assunto.

A DIVISÃO DO TEMPO:

O ano Judaico era lunar (Salmos 104:19). No tempo de Jesus o ano tinha 354 dias e a palavra hebraica que designa mês, *yerah*, poderá igualmente ser traduzida por *lunação*.

O ano estava dividido em meses que normalmente eram doze.

Nos tempos mais antigos encontramos os meses simplesmente indicados pelo seu número de ordem: Gén. 7:11 e 8: 4, 5.

Depois aparece o 1.º mês com o nome de Abide (Êx. 3:4; 23:15; 24:4 e Deut. 16:11).

Mais tarde aparecem com nomes definidos como segue:

Abide en Nisan (Êx. 23:15, Neem. 2:1) — Março/Abril

Zive (Iyar) (I Reis 6:1) — Abril/Maio

Sivã (Ester 8:9) — Maio/Junho

Tammuz — Junho/Julho

Abe — Julho/Agosto

Elul (Nehem. 6:15) — Agosto/Set.

Etanim (Tishri) (I Reis 8:2) — Set./Out.

Bul (marhesvau) (I Reis 6:38) — Out./Nov.

Qisileu (Neem. 1:1) — Nov./Dez.

Tebete (Ester 2:16) — Dez./Jan.

Sebate (Zac. 1:7) — Jan./Fev.

Adar (Ester 3:7) — Fev./Março

Veadar (ou 2.º adar) — Intercalado 7 vezes em 19 anos.

Através dos manuscritos do mar morto parece deduzir-se que «certos grupos religiosos utilizaram o antigo calendário de 364 dias, comportando quatro trimestres de

91 dias, formado cada um por 13 semanas.»

No entanto, a divisão base, estabelecida por Deus no momento da criação era a semana de 7 dias, e somente um deles, o sétimo, havia Deus dado um nome particular — Sábado.

No Novo Testamento outro dia aparece com uma designação especial, «dia de preparação — a sexta feira (Mateus 27:62).

Os outros dias eram designados unicamente por um número de ordem: «no primeiro dia da semana» (Mateus 28:1).

O Dia, segundo o livro de Génesis era composto de «tarde e manhã», isto é, parte escura e parte luminosa. Gén. 1:5. Igualmente os dias eram contados do pôr do Sol a pôr do Sol (Lev. 23:32).

No A. T. a palavra hora aparece somente no livro de Daniel (Dan. 3:6; 4:16-30 e 5:5) mas certamente com um sentido diferente daquele que nós lhe damos. Havia certas horas — referência — a hora do sacrificio da manhã e a hora do sacrificio da tarde».

No tempo de Jesus a divisão do dia em doze horas era corrente. Exemplos: — a parábola dos trabalhadores que foram contratados à hora 3.ª (Mateus 20:3; à hora 6.ª e nona (Mateus 20:5); à hora 11.ª. Mat. 20:6); destes foi dito que trabalhavam somente uma hora (Mateus 20:12).

Jesus chega à hora sexta à beira do poço de Jacob (João 4:6); Jesus é crucificado na hora 3.ª (Mateus 15:25); as trevas cobriram a terra da hora 6.ª à nona, quando Jesus expirou (Lucas 23:44).

Dia de 12 horas

Horas

do tempo de

Jesus 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12

Horas Actuais

7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18

A noite havia sido dividida em vigílias «duração de tempo que deveria consumir a sentinela que protegia os campos ou o pastor que guardava o rebanho».

Os Judeus haviam adoptado a divisão romana em 4 vigílias, cada uma tendo mais ou menos 3 horas».

No momento do nascimento de Jesus «os pastores que viviam nos campos e guardavam o seu rebanho durante as vigílias da noite» (Luc. 2:8). Na 4.^a vigília da noite (Mateus 14:25) Jesus chega junto dos discípulos a meio do mar da Galiléia, andando por cima do mar.

	Vigílias da noite			
	1	2	3	4
Horas				
Actualis	18-21	21-24	24-3	3-6

Parece que os Judeus chamavam à última vigília, vigília da manhã, das 3 h ao nascer do sol.

Creio que se encontra, mais compreensível a divisão do tempo relatado nas Sagradas Escrituras.

DINHEIRO

Antigamente negociava-se através da troca de produtos por produtos; era essa a moeda. Igualmente quando se falava da riqueza de alguém não se dizia que tinha tantos milhares de contos de réis. De Abraão, por exemplo, é dito: «E ia Abraão muito rico em gado, em prata, e em ouro» — Gén. 13:2).

Somente no ano 700 A.C. (tempo do Rei Manassés) se começou a cunhar moeda, em Lida, na Ásia menor, uma liga chamada electron que era composta de ouro e prata.

Continuou porém a ser usado o ouro, prata, cobre, a peso para obter outros produtos. Por exemplo em Gén. 23:16 Abraão comprou por 400 siclos de prata a terra de Macpela.

Em Jeremias 32:9,10 está escrito: «pesei-lhe dinheiro; ... pesei-lhe o dinheiro em balanças.»

O ciclo (chequet) que várias vezes é citado no Antigo Testamento não era moeda cunhada, consistia sim, num certo peso de prata ou ouro ou ainda cobre.

No século 6.^o A. C., no tempo de Zorobabel, a moeda corrente, o Dárico (Esdras 2:69; Neemias 7:70-72), era uma moeda persa a que os Judeus se habituavam. Havia sido mandada cunhar por Dario Histapes (521-486 A.C.), eram de ouro, e tinham de um dos lados a figura do Rei ajoelhado, segurando um arco e uma flecha e no outro um quadrado irregular. O Dárico era igual a 20 chequeis. Em I Crón. e Ezeq: 8:27 a palavra dracma é usada com o mesmo significado.

No Novo Testamento encontramos uma variedade maior de moedas:

DRACMA — era uma moeda de prata grega, também chamada peça de prata. (Lucas 15: 8, 9 e Mateus 17:24, 27). O seu valor aproximado seria de 3\$00.

ESTATER — era também uma moeda de prata correspondente a 4 dracmas. Foi a moeda retirada da boca do peixe para pagar o tributo anual ao templo (Mateus 17: 24-27, Êx. 30:13) Mateus 17:27 e 26:15.

MINA — antiga moeda de prata correspondente a 100 dracmas e que valia em moeda actual aproximadamente 300\$00. Luc. 19: 13, 16, 18, 20, 24, 25.

TALENTO — era uma moeda também de origem grega igual a 60 minas. (Mat. 18:24, 25:15-28).

CENTAVO (MITE) — era uma moeda de cobre, a mais pequena que havia. 2 centavos prefaziam um quadrante, (Marcos 12:45 e Lucas 12:59; 21:2).

Os dois centavos (mites) que a viúva usou não podiam ser moedas gregas que não eram permitidas no templo. Seriam moedas do tempo dos macabeus, gravadas com inscrições hebraicas.

CEITIL — era uma moeda romana de cobre que equivalia a 1 centavo (Mateus 20:29) — asse, Lucas 12:6 de acordo com Mateus 10: 29, 2 pássaros eram comprados por um ceitil e podemos concluir que a oferta da viúva era equivalente a 1 passarinho.

QUADRANTE — moeda de cobre correspondente a 1/4 centil ou centavo. (Mateus 5:26, Marcos 12:42).

DENÁRIO — era a mais comum moeda de prata do Império Romano. Um dos lados tinha a figura do imperador. (Mat. 18:28, 22:19; 20:2, 9, 10, 13 e Apoc. 6:6). Vale \$54. Corresponhia ao salário normal diário dum trabalhador. Mat. 20:2, 9, 10, 13. Podemos assim imaginar o «valor» de alguns actos do Novo Testamento: Em Lucas 10:35 diz que o Bom Samaritano pagou 2 denários. Marcos 6:37 — os discípulos de Jesus calculavam que 200 denários eram necessários para satisfazer a fome de 5.000 homens, com pão.

Era também o dinheiro que os Judeus pagavam como tributo ao Imperador. Tinha certamente a Imagem de Tibério e a inscrição «Tibério, César Augusto, Filho de Dario Augusto». Desde 6 A.C. todos os machos dos 14 anos aos 65 e as fêmeas dos 12 aos 65 pagavam esse tributo.

MEDIDAS PARA SECOS (CEREAIS)

Antigo Testamento

PEÇA — Gén. 33:19; I Samuel 2:36, 2 Reis. Era correspondente a 1/8 Efa e 1,22 litros. GOMMER — Êxodo 16:36 e 45:11. Era correspondente a 1/10 Efa e 2,20 litros.

MEDIDA — 2 Reis 7:1. Correspondia a 1/3 de Efa ou 7,33 litros.

EFA — Usada para medição de farinha. Êxodo 16:36, Juizes 6:19, Rute 2:17; Ezequiel 45:11, 14. Equivalia a 1/10 homer ou 22 litros.

MEIO HOMER — Oséias 3:2. Equivalia a 111 litros.

HOMER — Oseias 3:2. Igual a 10 Efas e 220 litros.

CORO — Ezeq. 45:14. Igual a 10 Efas ou 220 litros.

Novo Testamento

MEDIDA — Apoc. 6:6, igual a 2 sextários ou 1,09 litros.

ALQUEIRE — Mateus 5:15 e Marcos 4:21. Era equivalente a 16 sextários, 8,16 litros.

MEDIDA — Mateus 13:33. 24 Sexários ou 13,13 litros.

MEDIDA — Lucas 16:7, igual a 525,31 litros.

MEDIDAS DE LÍQUIDOS

Antigo Testamento

LOGUE — Usado como medida de azeite. Lev. 14:12, 15, 21, 24. Era equivalente a 1/2 do bato ou 0,31 litros.

HIM — Êx. 29:40. Equivalente a 1/6 do bato e 3,67 litros.

BATO — I Reis 7:26, 28; 2 Crón. 2:10; 4:5. Esdras 7:22. Equivale a 1/10 Homer e 22,5 litros.

CORO — Ezeq. 45 14, equivale a 10 batos e 220 litros.

Novo Testamento

VASO — Marcos 7:4 equivalente a 0,55 litros medida-bato. Lucas 16:6, é equivalente a 39,40.

ALMUDE — João 2:6, igual a 39 litros.

MEDIDAS DE PESO

Antigo Testamento

GERA (grão) — Êx.: 30:13; Lev. 27:25. Era equivalente a 1/20 chequel ou 0,57 gramas.

BECA — (metade) — Êx. 38:26. Equivalente a 1/2 chequel ou 5,7 gramas.

CHEQUEL — (peso) é raduzido nalguns versículos por siclo. Êx. 30:13; Jer. 32:9, 10; I Sam. 17:5; Gén. 23: 16; Gén. 20:16; Gén. 37:28; I Crón. 21:25 e Ezeq. 45:12, e que equivale a 570 gramas. Havia o chamado chequel do Santuário que era a medida padrão — Êx. 30:13, 23, 24 e Lev. 5:15.

MARIÉ (parte) — Ezeq. 45:12. Equivalente a 50 chequel e 570 gramas.

TALENTO — era um disco de metal com

um furo ao meio. Êx. 38:25. Era equivalente a 3.000 chequel ou 34,20 kgs.

Havia talentos de ouro, prata e bronze que correspondiam a 1.024.000\$00, 261.000\$00, e 690\$00, respectivamente.

Podemos assim imaginar a riqueza que transportavam os navios de Tarsis no tempo de Salomão quando vinham de Ofir.

ARRÁTEL — Esdras 2:69, Neemias 7:71, 72, equivalente a 327,45 gr.

Novo Testamento

ARRÁTEL — João 12:3, equivalente a 327,45 gramas.

MEDIDAS LINEARES

Antigo Testamento

DEDO — Jeremias 52:21, equivalente a 1/24 do côvado e a 2,18 cm. (no Egito) e 1,85 cm. no tempo de Ezequias.

MÃO TRAVESSA — Largura da mão fechada. I Reis 7:26. Equivalente a 1/6 do côvado e 8,72 cm. e 7,40 cm. respectivamente.

PALMO — Largura da mão aberto do polegar ao mínimo. Ezeq. 25:25; Salmos 39:5; Ezeq. 28:16. Equivalente a 1/2 côvado e 26,16 cm. e 22,23 cm. respectivamente.

CÔVADO — Distância entre o cotovelo e a extremidade do dedo máximo. Gén. 6:16, Juizes 3:10; Deut. 3:11; Ezeq. 40:5 e 43:13. Equivalente a 52,32 cm. e 44,45 cm. respectivamente.

Eis uma pequena tabela de equivalências:

4 dedos = 1 mão travessa
3 mãos travessa = 1 palmo
3 palmos = 1 côvado (Êx. 25:10).

MEDIDAS DE SUPERFÍCIE

GREIRA — I Samuel 5:10 e Isaías 14:14. Era equivalente a 40 ares 4671 possivelmente.

CANA — Aproximadamente 10 metros quadrados.

Estes elementos nos ajudam a compreender melhor certos dados das Sagradas Escrituras. Há algumas correspondências que são difíceis de estabelecer com as medidas actuais.

Talvez no futuro, graças à arqueologia seja possível desvendar certas coisas que ainda se nos não apresentam claras.

J. A. MORGADO

Referências:

Seventh Day Adventist Commentary
Dicionário Bíblico

Notícias do Campo

NOTÍCIAS DO CAMPO MISSIONÁRIO DE S. TOMÉ

Tem este Campo Missionário aproximadamente 3 centenas de membros baptizados, pertencentes a cinco catequeses além da Igreja Central.

Realizámos 5 Campanhas da Missão 73, durante as quais a triplice mensagem angélica de Apocalipse 14 foi proclamada, e estamos na disposição de lançar mãos denodadamente ao trabalho de evangelização de modo que 1974 seja um ano histórico para a nossa Igreja em São Tomé.

Estamos cônscios das nossas limitações, estamos alerta contra os ardis de Satanás, e desejamos fazer uma preparação cabal, consciente e metódica, para que o êxito seja o resultado natural do nosso esforço abençoado por Deus.

Dadas as condições muito especiais em que se tem realizado o trabalho entre os irmãos africanos, estamos fazendo planos para que, num futuro muito próximo possamos ter mais dois jovens frequentando a Escola de Preparo de Professores Evangelistas do Bongo.

Pedimos as orações dos Irmãos de Angola que nos lêem, e ousamos esperar o auxílio do Senhor.

Queremos contar-vos uma experiência interessante passada com um senhor da Vila das Neves, a quem convidámos a ir assistir a uma reunião da Missão 73.

Tínhamos combinado ir passar uma parte do dia com os Irmãos das Neves e ficou assente que eles nos dariam almoço. Chegámos um pouco atrasados, mas os Irmãos esperaram pacientemente até à nossa chegada, e sentámo-nos à mesa, para participarmos de uma alegre e simples refeição: fruta, pão assado, esparregado de gimboa e um ovo cozido, acompanhado de água de coco colhido no momento.

Entre os convivas encontrava-se um senhor que nos fez algumas perguntas. Procurámos responder, e quando ele argumentou, limitámo-nos a abrir a Sagrada Escritura e pedimos-lhe que lesse por si. Convidámo-lo a assistir à reunião. Recusou, e disse que nunca tinha assistido a nenhuma reunião realizada na nossa igreja, nem ouvira nada antes da nossa mensagem, senão que guardávamos o sábado e não comíamos carne de porco. Insistimos para que fosse. Acabou por aceder, ouviu e, à saída, disse do seu grande agrado, porque ouvira a Palavra de Deus. Deixámo-lo ao cuidado do Obreiro local.

Um jovem que assistiu às Reuniões da Missão 73 na Igreja da cidade de São Tomé mostrava-se muito desconfiado e fazia muitas perguntas. Trazia consigo a sua Bíblia e quase sempre, quando terminavam as reuniões, ele nos fazia perguntas. Nunca procurámos argumentar, mas pedimos que lesse por si na sua própria Bíblia e que achasse a resposta que Deus ali pusera para es-



MISSÃO DE S. TOMÉ

Alunos na hora
do
recreio

clarecer as suas dúvidas. O Espírito de Deus trabalhou naquele coração e hoje está à espera de ser baptizado, pois tem sido um aluno assíduo da Classe Baptismal. Quem sabe se um dia, muito em breve, não virá tirar o Curso no Bongo?

Pedimos as vossas orações, para que as almas sinceras que buscam a verdade possam ser achadas e conduzidas pelos servos de Deus ao caminho: JESUS.

Olhando ao trabalho que realizámos nos escassos meses que aqui estamos trabalhando na seara do Senhor, reconhecemos, gratos, que temos sido maravilhosamente ajudados. E, no entanto, também estamos apercebidos de quão grande tarefa fomos incumbidos, para cuja realização nos falta sabedoria.

Confortamo-nos com a exortação dirigida a Josué e que a nós mesmos aplicamos «Não te mandei Eu? Esforça-te e tem bom ânimo, não pases nem te espantes, porque o Senhor teu Deus é contigo por onde quer que andares».

Orlando de Albuquerque

NOTÍCIAS DA GANDA

ESCOLAS SABATINAS FILIAIS E DORCAS DE MÃOS DADAS

A necessidade premente de realizar qualquer empreendimento para auxílio da população africana na Ganda, levou o Espírito Santo a tocar o coração de algumas irmãs, imbuindo-as de coragem e desprendimento para abrir 3 pontos de pregação.

Com alegria, num belo sábado, 3 grupos de 2 irmãs procuraram uma grande árvore e começaram a cantar hinos e a mostrar histórias ilustradas procurando atrair africanos para ouvir a Palavra de Deus. Para surpresa sua, eles vieram, a princípio com timidez, mas sábado após sábado vieram ouvir e ver trazendo seus filhos e amigos. Com o aumento da Escola Sabatina filial, tornou-se obrigatória a manufactura de bancos para que pudessem estar bem instalados. Na Escola Sabatina Filial dirigida pela irmã Sara Ferreira, havia 2 carpinteiros assíduos ouvintes. Ela encomendou bancos e para sua surpresa e alegria, os bancos foram feitos, e... oferecidos! Após a introdução, aos poucos foi-se falando na necessidade dos campos missionários e sugeriram ofertas. Hoje, somente numa Escola Filial a oferta quase ultrapassa a que é retirada na escola Sabatina dos europeus! Eles mes-

mos ofereceram uma cestinha, toda ornamentada, e impressiona-nos a atenção que prestam ao estudo da lição. Um outro grupo, dirigido pela irmã Adelaide Moraes, estava muito mal instalado porque naquele ponto da cidade a vegetação é rasteira e não havia uma árvore em condições. Os garotos vinham mesmo assim, e saíam pingando suor, pois não havia sombra. Num salão pequenino onde se reuniam nossos irmãos africanos, a irmã Adelaide verificou que podia realizar modificações para que conseguisse acomodar os seus alunos na parte da tarde. (Entre os adventistas a Escola Sabatina é pela manhã.) Deitaram abaixo paredes, caíram, e hoje todos ouvem as histórias e a lição sem precisar que alguém segure boneco por boneco por causa do vento. Iam todos ao chão!

Um terceiro grupo é dirigido pela irmã Zita Coelho, que sente alegria ao verificar que cada dia mais aumentam os interessados. Não há dúvida que o despertamento é grande e que há imensa necessidade de um pastor africano na área da Ganda.

Entrando em contacto mais directo com essas pessoas, nossas irmãs conheceram suas necessidades materiais também. Sob a direcção incansável, da irmã Lena Ferreira, a Sociedade de Dorcas trabalhou duramente para a realização de uma exposição de trabalhos para conseguirem fundos. Foi armada no salão da Biblioteca Municipal e com uma concorrência óptima. Eis o comentário do jornal a esse respeito:

«Uma interessante exposição de trabalhos manufacturados. — A Sociedade Beneficente DORCAS inaugurou no passado dia 29 de Outubro uma exposição de diversos trabalhos no salão da Biblioteca Municipal. A referida instituição beneficente, integrada na Missão Adventista do Sétimo Dia nesta cidade, apresentou grande número de trabalhos, todos eles de utilidade e alguns bastante valiosos. No momento de abertura da exposição logo se encheu a sala completamente, destacando-se a presença do elemento feminino, que adquiriu em pouco tempo quase todos os trabalhos expostos.»

Ficámos muito satisfeitos, pois quase tudo foi oferecido pelas irmãs, subindo o lucro a mais de 28.000\$00.

Num verdadeiro trabalho de assistência social, as responsáveis pelas Escolas Sabatinas Filiais com suas auxiliares, irmãs Teresa Pires, Odete Cristo, Marina de Brito e irmãos africanos para tradução verificaram cada família necessitada e seus componentes, preparando com a ajuda de outras irmãs Dorcas mais de 120 pacotes de Natal, contendo alimento, roupa e brinquedos. Totalizaram mais de 1.022 kg. em ali-

mento, 300 peças de roupa, e 2.000\$00 em brinquedos. Cada pacote era identificado pelo nome da família e a distribuição decorreu com alegria para que o natal dessas pessoas fosse mais alegre.

As irmãs Dorcas não pararam aí e estão em franca actividade para a realização de mais uma exposição de trabalhos em fins do mês de Março.

Que Deus abençoe e estenda Sua mão para abençoar o trabalho e a semente lançada nesta terra promissora, dando frutos para a Vida Eterna.

ACTIVIDADES DA MISSÃO DA NAMBA

O nome desta Missão deve-se ao local onde está situada, pois fica junto de uma montanha, a qual tem o nome de Namba.

Poderei mesmo dizer, que geograficamente, esta Missão está colocada num lugar privilegiado, pois se encontra a 1.600 metros acima do nível do mar.

O clima aqui deve ser dos melhores de Angola. Digo isto, não porque eu conheça muito de climas de Angola, mas falo pela experiência de muitos que já por aqui passaram.

Por esta Missão, já passaram vários pastores. Actualmente, a Missão está a ser dirigida pelo Pastor João Cordas Tavares, missionário metropolitano, que há 13 anos dedica entusiasticamente a sua vida ao trabalho das missões adventistas de Angola.

O pastor Cordas Tavares trabalha aqui na Missão da Namba há cinco anos.

No campo de actividades, esta Missão dedica-se a duas actividades fundamentais: Evangelização e Educação. No que respeita à Evangelização, esta Missão tem feito um óptimo trabalho na causa de Deus, pois por todas as suas redondezas, e numa área de muitos quilómetros quadrados, tem um total de 34 igrejas ou Catequeses. Essas catequeses são periodicamente visitadas pelos pastores africanos e pelo Director da Missão, que levam aos obreiros locais as suas directrizes para um trabalho melhor para a causa de Deus.

Realiza a Missão todos os anos umas reuniões muito importantes chamadas Reuniões de reavivamento espiritual. Geralmente, estas reuniões são feitas num recinto feito de capim que é preparado pelos crentes da própria aldeia. No fim dessas reuniões há sempre um culto solene com apelo e uma cerimónia baptismal.

Dentro da própria Missão, existe também uma Igreja, onde, no sábado se reúne

o povo adventista das aldeias próximas e onde também os alunos da Missão se reúnem diariamente, para ouvir as meditações matinais e os cultos nos dias respectivos.

Conta esta Missão actualmente com 3286 membros baptizados, sendo baptizadas no ano passado 739 almas.

Ao visitante desta Missão, depara-se-lhe, além da beleza da região, algo mais que se torna impressionante. Estou a falar da marcha de alunos, cantando em direcção da Igreja, sempre que se realize uma reunião. Logo de manhã, quem por vezes se descuide um pouco e fique a dormir além da hora habitual, terá o prazer de ser acordado ao som daquele coro harmonioso, constituído por moços e moças que são alunos internos da Missão.

No sábado, pelas três horas da tarde, estes alunos, embora não tendo um salão para jovens, nem por isso deixam de fazer as suas reuniões. À hora marcada, os referidos alunos, acompanhados dos professores, preceptores, etc., vão passear para o campo e num sítio escolhido realizam o seu programa dos M.V. Quase sempre esta reunião é feita em cima duma das grandes rochas que abundam nesta região. O programa M. V., do sábado, é muito interessante, constando quase sempre de hinos, poesias, versos bíblicos e pequenas peças inspiradas em episódios bíblicos.

No que respeita ao campo de actividade educacional, esta Missão conta este ano com 431 alunos matriculados oficialmente e também um bom grupo que frequenta o Curso vespertino em funcionamento na escola da Missão. Dentro da Missão, o número de alunos internos é de 185, sendo 50 do sexo feminino e 135 do sexo masculino.

As seis salas de aulas que formam as duas escolas aqui existentes, estão em pleno funcionamento, com dois períodos, para assim se poder dar assistência a todos os alunos.

Mediante um processo bem organizado, estes alunos, além de saírem daqui habilitados com a 4.^a classe, saem também preparados para poderem enfrentar a vida, pois aqui aprendem a fazer alguns trabalhos práticos, como por exemplo a trabalhar com gado. Esta Missão tem cerca de 1450 cabeças de gado bovino e os alunos trabalham diariamente nas diferentes tarefas da vacaria.

Trabalham também estes alunos na agricultura, pois a Missão tem uma grande horta onde se cultivam as mais variadas hortaliças que também servem de alimentação para os alunos. Também se semeia muito milho de tal maneira que a colheita

quase que dá para a alimentação dos alunos durante um ano lectivo.

Começou-se, recentemente, nesta Missão, uma pequena indústria de fabricação de malas de madeira de girassonde. Neste ramo, têm os alunos mais uma oportunidade de se habilitarem para a vida. Estas malas estão a ter muita saída, pois todas as que se têm feito estão sendo vendidas, e outras já encomendadas futuramente. Além das malas, fabricam-se também mesas e bancos todos com a mesma orientação.

No que respeita a construções, também a Missão tem progredido, pois tem um edifício escolar moderno, inaugurado recentemente e também algumas casas novas para professores, também feitas recentemente. Presentemente, estão a juntar-se materiais para a futura casa do Director da Missão.

Prezados jovens e irmãos; leitores do Boletim Adventista, há quatro meses apenas que estou nesta missão, trabalhando ao abrigo do serviço voluntário adventista, e é com satisfação que digo que gosto muito de aqui estar. Desempenho as funções de professor, e é com grande desgosto que não posso levar este cargo até ao fim do ano, pois numa altura que eu não esperava, fui chamado para cumprir o serviço militar. Resta-me a consolação de ter dado o meu contributo, durante o tempo que pude dispor, à causa de Deus neste lugar.

Tenho várias recordações da minha curta estadia nesta Missão. Num sábado de tarde, o pastor e eu fizemos uma visita a uma aldeia onde se encontrava um membro doente, e ali com alguns outros membros que lá se juntaram, tivemos oportunidade de lhes explicar o que era a vida das grandes cidades, e o que era um avião, como levantava voo, como aterrava, etc.

É realmente uma experiência inolvidável, para quem deixa o ambiente poluído das grandes cidades e se entrega por um ou mais anos a trabalhar desta maneira para a causa de Deus.

Pois, jovens e irmãos, esta Missão e outras que estão espalhadas pelo Estado de Angola, necessitam cada vez mais da vossa ajuda e colaboração, e tal e qual eu fui aceite e bem recebido no serviço voluntário adventista, também a vós vos receberão de igual modo. Basta apenas a vossa decisão e a vossa entrega para este tão nobre trabalho, que não é dos homens, mas sim, do nosso Pai Celestial.

JOSÉ ELIAS CAVACO

(Jovem adventista, integrado no serviço voluntário Adventista)

NOTÍCIAS DO CAMPO MISSIONÁRIO DO CUALE

O feiticismo africano e a Mensagem Adventista

Cabembo é uma aldeia situada a meio caminho entre a povoação do Cuale e o Forte República, a cerca de 30 km. da Missão Adventista do Cuale. A mensagem Adventista penetrou ali pela primeira vez em 1948, sendo o primeiro obreiro ali enviado o Pastor Lourenço da Costa. Nesse mesmo ano, entre outros que aceitaram a mensagem adventista, foram o irmão Fernando Cabembo e sua esposa Helena Fernando, os quais ainda se mantêm fiéis na Igreja, apesar de constantes e duras oposições que têm enfrentado por parte de alguns familiares e amigos. Entre essas oposições contam-se, por exemplo, na altura em que lhes faleceu o primeiro filho os tios da criança falecida, irmãos da irmã Helena, vieram ter com o irmão Fernando exigindo-lhe que lhes pagasse determinada importância em dinheiro e uma cabra ou perna de uma vaca a fim de irem ter com um feiticeiro para que este fizesse uma prática em defesa dos restantes filhos para que também não viessem a falecer. Como cristão adventista do sétimo dia o nosso irmão recusou-se a tal pedido e bem assim a idênticos pedidos posteriores a quando da morte de mais três filhos. Em face de tais recusas sucessivas os familiares começaram a nutrir ódio para com sua irmã e cunhado. Este ódio foi aumentando à medida que observavam que sua irmã gerara mais 6 filhos, os quais todos permanecem vivos, e se mantinha fiel com seu marido e filhos aos princípios da Igreja Adventista.

Recentemente, precisando melhor, em 8 de Setembro passado, a irmã Helena ficou doente de um momento para o outro, aparentando indícios de doença mental. Seguidamente desapareceu de casa durante quatro dias e quatro noites. Apesar dos intensos esforços envidados por seu marido, filhos e alguns familiares e amigos, em busca do seu paradeiro em toda a aldeia e arredores, inclusive, no capim à volta da aldeia, não conseguiram encontrá-la. No quarto dia, ao anoitecer, já o seu marido estava na cama, este ouviu a voz de sua mulher aproximando-se da casa. Levantou-se imediatamente e foi à porta para se certificar do que acabara de ouvir. Viu então vir na direcção da porta sua esposa completamente encharcada, pois estava a chover. Levou-a imediatamente para dentro da casa, tirou-lhe as roupas molhadas, limpou-a, vestiu-lhe roupa enxuta e limpa e colocou-a junto da fogueira para se aquecer.

tar melhor. Tudo quanto ela dizia era sem nexos e seus sons se assemelhavam a simples grunhidos. Só muito mais tarde ela conseguiu começar a falar.

Em face desta situação a Igreja começou imediatamente a orar em seu favor e durante a semana de oração fizeram-se apelos especiais nesse sentido e assim prosseguiram até meados de Dezembro até que no dia 25 desse mês ela se sentiu muito mal. Segundo sua afirmação o coração parecia querer sair-lhe do peito. Em seguida deram-lhe algumas convulsões e por fim ficou prostrada no chão sem forças. Vendo-a naquele estado o marido deitou-lhe alguma água na cabeça. Passada cerca de uma hora ela começou a reanimar, sentou-se com a ajuda de outras pessoas e momentos depois começou com fortes convulsões de novo tendo finalmente vomitado três objectos muito estranhos: Uma vértebra de uma espinha dorsal dum peixe, de tamanho superior ao que poderia ter sido engolido ou passar na garganta de uma pessoa, uma barbatana de peixe, igualmente de tamanho excessivo e por fim um caruncho vivo que ao cair no chão começou a andar. A noite seguinte já passou muito melhor.

Passados quatro dias, no dia 29, o Pastor Domingos Suquina foi fazer uma visita à Catequese e foi informado do que se passava. Nesse Sábado o obreiro local, irmão Francisco Venâncio Narciso Campos, mostrou à igreja esses objectos que aquela irmã havia vomitado e o Pastor Suquina exortou a Igreja para que se mantivesse separada de quaisquer práticas ou crenças de feiticismo, dizendo-lhes que quando nos mantemos fiéis a Deus e temos o seu espírito, o poder do maligno não terá qualquer poder sobre nós e até foge de nós, baseando-se na experiência do povo de Israel no tempo de Samuel quando ele exortou o povo a abandonar os baalins, astarotes e outros deuses e a buscarem só ao Senhor de todo o coração (1 Samuel 7:2-11). Leu-lhes ainda Gên. 35:1-4 e Isa. 1:11-19. Depois de acabar o culto fizeram-se mais orações no mesmo sentido, o marido leu o Salmo 116:1-8 e Êxo. 15:1 em sinal de reconhecimento pelo que o Senhor fizera até ali em favor de sua esposa. A Igreja foi convidada a reunir-se de novo nessa tarde de Sábado na Igreja a fim de orarem de novo com o mesmo objectivo. E à noite o Pastor Suquina orou com o marido dessa nossa irmã juntamente com o obreiro local e outro irmão.

No dia seguinte de manhã logo que o marido dessa irmã se encontrou com o Pastor Suquina e este lhe perguntou como haviam passado a noite, aquele lhe respondeu que tinham passado muito mal pois a es-

posa tivera sonhos muito turbulentos em que ele havia acordado com ela a falar durante o sonho, tendo distinguido cada palavra. Nessas palavras ela se estava referindo a um homem já idoso da aldeia, uma mulher também idosa, esta membro da nossa Igreja e dois rapazes. Esse tal velho (cujo nome preferimos não mencionar) estava-lhe dizendo: «Estás a gabar-te por que te saíram aquelas coisas?» Ela respondeu-lhe: «Por que me persegues? Devo-te alguma coisa?» Ele respondeu: «Não». «Então deixa de me perseguir». Então ela bateu nos rapazes e estes fugiram bem como o velho e a velha.

Enquanto a esposa estava sonhando alto tão estranho sonho e gesticulava, o marido e uma filha ficaram de tal maneira amedrontados que resolveram ajoelhar-se junto da cama e orarem. Quando finalmente ela acordou já fazia sol.

Na meditação matinal dessa manhã após já terem cantado o hino e feito oração e estarem já na respectiva leitura, entrou essa irmã. Sentou-se num dos bancos da Igreja mas logo começou a gemer e a contorcer-se com dores. Então pediu à irmã que estava sentada a seu lado se via alguma coisa a sair do seu olho esquerdo. Voltou a perguntar segunda vez sem que a companheira visse qualquer coisa, até que perguntou terceira vez. Desta vez todos, inclusive, o Pastor Suquina foram ver se viam alguma coisa. Viram não sair da carne da pestana um pedaço de qualquer coisa semelhante a carvão. O olho ficou todo vermelho como brasa viva. Fizeram então mais algumas orações por mais esta vitória do poder de Deus sobre o poder Satânico.

Após lhe ter saído esse tal objecto do olho alguém começou a sugerir que possivelmente lho haviam introduzido durante a noite, enquanto estivera tendo aquele sonho. Mas a tal velha que ela vira nesse sonho respondeu que tudo lhe havia sido introduzido no corpo no mesmo dia.

Agora a irmã Helena sente-se bem e mais firme e fiel na sua fé do que nunca e agradece a Deus pela vitória que lhe deu.

Que todos os queridos leitores do Boletim Adventista ao lerem esta experiência possam reafirmar os seus votos de serem fiéis ao Senhor e se apartem de toda e qualquer espécie de feitiçaria, a qual é idolatria, a fim de que possam sair vitoriosos sobre o arquenganador e inimigo de toda a justiça.

Casamento

No dia 28 de Novembro p. p. uniram-se pelos laços matrimoniais, na Igreja da Missão, os nossos jovens irmãos Benjamim

Quem somos e a que vimos?

(Continuação da pág. 2)

tentado, pelo inimigo, desobedeceu ao seu Criador e atraíu sobre si a condenação à morte.

4.º — que todos os homens pecaram e estão destituídos da glória de Deus.

5.º — Que o Verbo Eterno incarnou por meio de miraculosa concepção e nascimento virginal, assumindo a natureza humana, sendo, portanto, verdadeiro homem, sem deixar de ser verdadeiro Deus.

6.º — Que a sua morte vicária e expiatória, uma vez por todas, é plenamente suficiente para a nossa redenção.

7.º — Que Jesus ressuscitou literalmente e subiu ao céu, onde presentemente advoga a nosso favor, como único Mediador.

8.º — Que voltará, em segundo Advento, conforme prometeu e está largamente anunciado nas Escrituras. Estamos convencidos de que esta Segunda Vinda de Jesus está para breve.

9.º — Que a posse da nova vida em Jesus ocorre pela regeneração, ou novo nascimento, mediante o Baptismo de imersão.

10.º — Que o homem é justificado pela fé, e santificado pela permanência em Cristo, através do Espírito Santo.

11.º — Que haverá um julgamento de todos os homens.

12.º — Que a Lei Moral, os Dez Mandamentos da Lei de Deus é norma de vida e de conduta, para todos os homens em todas as épocas.

13.º — Acreditamos que os mortos aguardem inconscientes a ressurreição, vivendo, depois, os salvos, por toda a eternidade, ao passo que os ímpios serão destruídos para sempre, na «segunda morte» como diz a Palavra de Deus.

14.º — Acreditamos que de acordo com o Mandamento, o Sábado, o Sétimo dia da semana é o dia de repouso, abençoado e santificado por Deus; não admitimos que tenha sido abolido nem que tenha sido substituído por qualquer outro dia da semana, nomeadamente pelo primeiro dia, o Domingo.

Como Adventistas do Sétimo Dia as-

sim se pode resumir a nossa crença: Esperamos, para breve a Volta de Jesus e, tal como Ele o fez, também nós guardamos os Mandamentos, nomeadamente o Sábado, especialmente e exclusivamente abençoado e santificado por Deus.

(Continuação da pág. 14)

Bumba e Petrina José, tendo sido oficialmente o Pastor Domingos Suquina que exortou o jovem casal a se manterem fiéis aos laços do matrimónio cristão. O irmão Benjamim é professor evangelista duma das nossas catequeses da área da Baixa. Aos noivos apresentamos as nossas mais cordiais felicitações e os votos das melhores venturas para o seu lar.

Falecimento

No dia 2 de Janeiro p.p. faleceu na aldeia da Missão, o membro mais antigo deste Campo Missionário, o irmão Noé Quimonha, que contava actualmente cerca de 87 anos. Apesar da sua avançada idade e de sofrer de bronquite asmática sempre se revelou um fiel membro da Igreja, sendo o primeiro a chegar para qualquer reunião ou culto na Igreja. O irmão Noé Quimonha deixou assim a todos um belo exemplo de fidelidade e constância para com os princípios da Igreja e bom seria que todos os membros deste Campo Missionário, quer jovens ou adultos, o imitassem em tais qualidades.

O irmão Quimonha era pai do Pastor Gomes Noé, com quem havia sido baptizado no mesmo dia em 1940, dirigente da área da Baixa e Pastor da Igreja de Sandango, Chico Noé actualmente a trabalhar em Malange, Júlio Noé que trabalha na povoação do Cuale e Adelina Noé preceptora na Missão.

A família enlutada apresentamos as nossas sinceras condolências, bem como a firme certeza de, se permanecerem fiéis, se poderem de novo encontrar na manhã gloriosa da ressurreição para viverem uma vida sem mais separação de qualquer espécie, nem dor, nem sofrimento, mas de paz e felicidade eternas junto com o nosso amado Salvador.

M. N. CORDEIRO

Ô Altar da Família

Para que a igreja remanescente desfrute avivamento e reforma, deve-se dedicar crescente atenção ao altar da família. A hora do culto em cada lar deve receber nova ênfase.

«Se já houve tempo em que toda a casa deveria ser uma casa de oração, agora é esse tempo». — **Test. Selectos**, Vol. 3, pág. 91.

As bênçãos do culto familiar são inapreciáveis. Maridos e esposas — tanto os recém-casados como os de idade avançada — recebem que seu amor é fortalecido e aprofundado de modo sobrenatural ao estudarem juntos a Palavra de Deus e erguerem a voz em oração. Enfrentam a vida com maior coragem, robustecidos pelo senso de confiança mútua e pelo desvelo e solicitude do onisciente Deus todo-poderoso.

Os filhos educados num lar em que foi erigido o altar da família manifestam natural propensão para a religião e o culto. Reconhecem que a fé é algo que merece ser partilhado e comentado. Sentem os fortes laços espirituais que unem o lar. Sentem a presença dos santos anjos ao se empenharem em suas actividades diárias. «Pela sincera e fervorosa oração devem os pais erigir um muro em torno dos filhos. Devem suplicar, com plena fé, que Deus entre eles habite, e santos anjos guardem, a eles e aos filhos, do poder cruel de Satanás.» — **Idem**, págs. 91 e 92.

O ideal é que o culto familiar seja realizado tanto de manhã como à noite. «Antes de sair de casa para o trabalho, toda a família deve ser reunida, e o pai ou a mãe, na ausência dele, deve rogar fervorosamente a Deus que os guarde durante o dia. Ide com humildade, coração cheio de ternura, e com o senso das tentações e perigos que se acham diante de vós e de vossos filhos; pela fé, atai-os ao altar, suplicando para eles o cuidado do Senhor. Anjos ministradores hão-de guardar as crianças assim consagradas a Deus.» — **Idem**, Vol. 1, pág. 148.

«Em cada família deve haver um tempo determinado para os cultos matutino e vespertino. Que apropriado é reunirem os pais em redor de si os filhos, antes de quebrar o jejum, agradecer ao Pai celeste Sua protecção durante a noite e pedir-Lhe auxílio, guia e protecção para o dia! Que adequado, também, em chegando a noite, é reunirem-se uma vez mais em Sua presença, pais e filhos, para agradecer as bênçãos do dia findo!» — **Idem**, Vol. 3, pág. 92.

O esposo (ou pai) tem a responsabilidade de tomar a iniciativa de estabelecer o culto familiar e dirigi-lo duas vezes por dia. Se o homem é realmente o chefe da casa, esse é um legítimo lugar em que deve assumir as suas responsabilidades! Os patriarcas servem de exemplo neste sentido. Abraão tomava a direcção do culto prestado a Deus. Dificilmente se pode imaginar que esse patriarca confiasse a Sara a

responsabilidade de estabelecer o altar da família e imolar o cordeiro sacrificial.

A pena inspirada afirma claramente que o chefe da casa temente a Deus deve assumir a direcção da vida espiritual da família. «Que o pai, como sacerdote da casa, deponha sobre o altar de Deus o sacrifício da manhã e da tarde, enquanto a esposa e os filhos se unem em oração e louvor. Em uma casa tal, Jesus gostará de demorar-Se.» — **Patriarcas e Profetas**, 2.^a ed., pág. 141.

Como sacerdote da família, o pai «deve confessar a Deus os pecados cometidos por si e pelos seus durante o dia. Tanto os pecados de que tem conhecimento, como aqueles que são secretos e que só Deus conhece, devem ser confessados. Esta regra de acção, zelosamente mantida pelo pai quando presente, ou pela mãe quando o pai está ausente, resultará em bênçãos sobre a família.» — **O Lar Adventista**, pág. 212.

Essa declaração e outras mais dão a entender que embora o pai tenha o dever de tomar a dianteira, a mãe compartilha a responsabilidade e deve assumi-la quando o pai estiver ausente. «O pai e, em sua ausência, a mãe, deve dirigir o culto, buscando um trecho das Escrituras que seja interessante e de fácil compreensão.» — **Test. Selectos**, Vol. 3, pág. 92.

Nalguns lares, o pai é descrente; noutros, embora pretenda ser cristão, talvez recuse aceitar suas responsabilidades espirituais. Sob tais circunstâncias, algumas mães podem pensar que a situação é desesperadora e que não é possível realizar o culto familiar.

Desejamos dizer a essas pessoas: Não vos submetais aos conselhos sussurrados por Satanás. Trabalhai pela salvação dos vossos filhos, mesmo que vosso marido não tenha interesse nas coisas espirituais. «Vão as mães ter com Jesus em suas perplexidades. Acharão graça suficiente para as ajudar no cuidado de seus filhos. As portas acham-se abertas para toda a mãe que queira depor seus fardos aos pés do Salvador. Aquele que disse: 'Deixai vir os meninos a Mim, e não os impeçais' ..., convida ainda as mães a levar-Lhe os pequeninos para que os abençoe.» — **A Ciência do Bom Viver**, 2.^a ed., pág. 42.

Algumas famílias não realizam o culto doméstico pois consideram-se inabilitadas para dirigi-lo. Desejamos dizer-lhes: É melhor haver alguma espécie de culto, do que não haver culto algum. Assim como a melhor maneira de aprender a nadar consiste em entrar na água, a melhor maneira de estabelecer o altar da família consiste em começar e continuar a fazê-lo.

Kenneth H. Wood

BOLETIM ADVENTISTA